



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene em homenagem ao centenário da morte de Machado de Assis

Academia Brasileira de Letras – Rio de Janeiro-RJ, 29 de setembro de 2008

Meu caro amigo e companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro amigo Francisco Manoel Seixas da Costa, embaixador de Portugal,

Meu caro companheiro embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das Relações Exteriores,

Meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Juca Ferreira, ministro da Cultura,

Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro – nem sei se o Pezão está aqui, mas como ele sempre anda com o Sérgio Cabral, a gente já cita o nome dele,

Meu amigo querido, acadêmico Cícero Sandroni, presidente da Academia Brasileira de Letras,

Meu caro companheiro senador e acadêmico José Sarney,

Senador Paulo Duque,

Acadêmico Eduardo Portella, orador desta solenidade,

Acadêmico Ivan Junqueira, secretário-geral da Academia Brasileira de Letras,

Senhoras e senhores acadêmicos,

Senhores cônsules,

Meus amigos e minhas amigas,



É com grande alegria que visito novamente esta Casa, e o faço, antes de mais nada, para testemunhar a sua importância como instituição que reconhece e consagra o talento literário e artístico brasileiro. A Academia encarna a gratidão do País a todos aqueles que, pelo exercício da imaginação e da reflexão criadora, alimentam a inteligência nacional e dão expressão universal à subjetividade de nossa gente.

Mas o faço, também, para manifestar o meu apreço pelo inestimável trabalho de valorização da língua e difusão da cultura que a ABL realiza. Refiro-me às investigações que patrocina, aos documentos que recupera e socializa, às obras raras que publica, aos cursos e seminários que oferece, ao diálogo internacional que promove. Tudo isso faz desta Casa – não apenas pelas intenções proclamadas, mas pelos seus feitos concretos – um organismo único em nossa vida cultural.

Um desses feitos notáveis que honram a ABL e o País é justamente a celebração do Acordo Ortográfico entre os países de língua portuguesa, cujos decretos acabei de assinar, Acordo que vem coroar o competente e dedicado labor de lingüistas, filólogos e gramáticos de todos os países integrantes da CPLP: Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Acordo que tem, na verdade, uma importância maior do que pode parecer à primeira vista e, por isso mesmo, precisa ser divulgado e explicado com clareza ao cidadão comum deste país, para que todos compreendamos sua pertinência e, sobretudo, seu significado estratégico no que diz respeito à cooperação entre os países lusófonos e à própria presença da língua portuguesa e das nossas literaturas no mundo.

Poderíamos justificá-lo enfatizando o novo impulso que hoje ganha o intercâmbio Brasil-Portugal, ou sublinhando a solidariedade material e espiritual com o Timor-Leste. Mas quero destacar aqui o imprescindível resgate dos



nossos laços substantivos com a África, em particular com a África de língua portuguesa, que para nós representa mais, muito mais do que uma prioridade geopolítica. Diz respeito à nossa alma, à nossa identidade como nação multiétnica e multicultural, ao próprio destino da civilização brasileira e é o reencontro do Brasil com algumas de suas raízes mais profundas, não raro recalçadas. Nesse sentido, podemos dizer que é o reencontro do Brasil consigo mesmo.

Por isso, já visitei 21 países da África e temos nos engajado em parcerias com as mais diversas nações africanas, em especial com as de língua portuguesa. Estabelecemos ambiciosos acordos de cooperação cultural, científica e educacional com os países da CPLP. Vamos incrementar, e muito, a circulação de obras literárias e artísticas, em geral, entre os nossos povos.

Estamos ampliando vigorosamente as parcerias educacionais em todos os níveis, do ensino básico à pós-graduação, seja na capacitação de professores, na produção de material didático, na formação profissional e até mesmo na teleeducação. Há diversas equipes de educadores brasileiros atuando em cada um desses países-irmãos.

Mas como avançar nesse rumo sem fortalecer a nossa base lingüística comum? Como difundir em cada país a rica literatura dos demais e sua variada produção intelectual sem a adequada padronização da língua escrita? Como produzir, por exemplo, material didático compartilhado, em escala massiva, sem a unificação da ortografia? Para não falar dos quase 8 milhões de lusófonos radicados fora dos nossos países, dispersos pelo mundo, e que desejam assegurar aos seus filhos o domínio do português falado e escrito.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos aqui reunidos também, e principalmente, para celebrar a memória e a obra inigualável de Machado de Assis, falecido há 100 anos no seu e no nosso querido Rio de Janeiro. Não me cabe, naturalmente, discorrer sobre os méritos literários do fundador e primeiro presidente desta Casa. É



missão que tem sido cumprida com zelo e talento pelos diversos especialistas da análise de sua obra, entre eles renomados membros da própria Academia, a exemplo do que há pouco fez com tanto brilho o nosso querido professor e ex-ministro Eduardo Portella. Nessa matéria, sou apenas um dos inúmeros brasileiros que não se cansam de admirar o genial “bruxo do Cosme Velho”.

Mas permitam-me destacar um aspecto central da trajetória de Machado, que me parece exemplar do vínculo entre cultura e emancipação humana. Mulato, filho de lavadeira, neto de escravos alforriados, eis a origem do maior escritor brasileiro. Machado nasceu, como sabemos, no Morro do Livramento, fez poucos estudos regulares e começou muito cedo a trabalhar como aprendiz de tipógrafo. Que este brasileiro de origem humilde tenha vencido tantas circunstâncias adversas para transformar-se no artesão maior de nossa língua é algo quase inacreditável, que não podemos esquecer nunca e que deve nos inspirar permanentemente na busca de um país que ofereça oportunidades educacionais e culturais para todos, mesmo aos talentos mais improváveis.

Machado venceu, a bem dizer, pelo seu próprio talento individual, mas quantos outros gênios da raça foram impedidos pela indigência material de surgir e de se desenvolver? Os direitos sociais, a vida digna, não garantem o talento, mas podem fazê-lo florescer. Personagem e intérprete de ambigüidades dilacerantes da nossa história, Machado nos ajuda, com sua lucidez e fina ironia, a entender o povo que somos, como chegamos até aqui e porque devemos ir além, num contínuo processo de superação das mazelas nacionais.

Não se trata, evidentemente, de atribuir à literatura a agenda política, mas de perceber na grandeza de Machado, que nos decifra e nos questiona até hoje, um desafio a que o Brasil vença o preconceito e a exclusão, e se humanize em sua total plenitude. É por tudo isso, que recebi, com especial satisfação, das mãos do meu querido amigo José Sarney, ex-presidente da



República, senador e acadêmico, a medalha comemorativa do centenário da morte de Machado de Assis.

Meus amigos, minhas amigas,

Num dia tão marcante para a nossa língua e literatura, não poderia deixar de dizer algumas palavras sobre uma de nossas mais nobres causas comuns: o incentivo à leitura no Brasil. Ainda faltam muitos capítulos, mas já começamos, juntos, a reescrever esta história.

Estamos criando condições para que milhões de brasileiros e brasileiras, antes excluídos do acesso aos bens culturais, também possam fruí-los. E isso se faz com crescimento econômico sustentado, geração de empregos, distribuição de renda e oportunidades educacionais. O maior incentivo à leitura será sempre a redução das desigualdades sociais, mas sabemos que a divulgação do livro e da leitura exige também fomento específico.

Por isso, lançamos o Plano Nacional do Livro e da Leitura, fecunda parceria dos Ministérios da Cultura e da Educação, elaborado democraticamente em diversas audiências públicas com a participação de todas as entidades da área. O Plano prevê centenas de ações práticas, a maioria delas já em execução, tanto do governo quanto do setor privado, que o gerenciam em conjunto.

Todos se recordam que, em dezembro de 2004, sancionei uma lei, aprovada pelo Senado, de autoria do presidente Sarney, que eliminou os impostos federais sobre a produção do livro no nosso país, medida necessária para reduzir o seu preço final e que deve ser conjugada com a criação de um Fundo Pró-Leitura, mediante a contribuição de 1% das receitas do setor. Queremos e vamos elevar os índices de leitura no Brasil. Os índices atuais são modestos, e a grande maioria das obras lidas são aquelas indicadas pelas escolas.

Alegro-me, por outro lado, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em maio deste ano, que já mostra um avanço significativo. De



acordo com o Instituto Pró-Livro que realizou a pesquisa, a população com 15 anos ou mais está lendo 3,7 livros per capita/ano em 2008, contra apenas 1,8 livro per capita/ano em 2001. Desde 2005, cerca de 8 milhões de alunos do ensino médio público passaram a receber gratuitamente a coleção didática do Ministério da Educação. Em 2009, o programa será finalmente universalizado.

Mas tudo isso ainda é pouco. Por isso, nos últimos 2 anos aumentamos em 197% o orçamento do Programa de Implantação e Modernização de Bibliotecas Públicas. Os resultados começam a aparecer. Em 2003, 1.170 municípios brasileiros não tinham biblioteca pública. Com os recentes investimentos, esse número caiu para 630 municípios, sendo que 300 deles ganharão a sua biblioteca até o final de 2008. Nossa meta é que, até 2009, todos os 5 mil e 500 municípios brasileiros tenham ao menos uma biblioteca pública. Além disso, vamos modernizar, com acervos, mobiliário e computadores, bibliotecas públicas municipais de todo o País, principalmente aquelas inseridas em áreas urbanas de grande vulnerabilidade social.

Ao mesmo tempo, o Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras, implantado a partir de 2003 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, tem ajudado a formar leitores no Brasil mais profundo, levando livros a agricultores familiares, assentados da reforma agrária, indígenas, remanescentes de quilombos, populações ribeirinhas e pescadores. O Arca das Letras já distribuiu mais de 1 milhão e 200 mil livros, beneficiando cerca de 618 mil famílias, por meio da instalação de 5.600 bibliotecas rurais.

Outra ação importante é o apoio sistemático do Ministério da Cultura às feiras nacionais de livros. Desde as bienais de São Paulo e do Rio de Janeiro, até nascentes eventos literários nas mais diversas regiões do País, praticamente todos são apoiados via Lei Rouanet.

Estamos formando, ainda, 5.460 agentes de leitura para atuarem em bibliotecas, pontos de cultura e pontos de leitura. Esses agentes fazem a ponte entre o poder público e a comunidade, levando o livro até as famílias e as



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

peças, estimulando e, se necessário, orientando os novos leitores na maravilhosa viagem da literatura. Ao mesmo tempo, o governo federal tem dado apoio à participação brasileira nas feiras de livros internacionais, garantindo maior visibilidade à nossa literatura no exterior.

Senhor Presidente,

Senhores e senhoras acadêmicos,

Aos escritores, além do prazer de criar, interessa seguramente chegar aos leitores. Ao governo, que a literatura enriqueça cada vez mais a nossa existência individual e coletiva.

Gostaria de terminar citando nosso insuperável homenageado desta tarde. Disse Machado de Assis: “Palavra puxa palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução.”

Façamos, juntos, a revolução do livro e da leitura em nosso país!

Muito obrigado.

(\$211A)